



Fina Sintonia: Notas sobre “Velhos e novos males da saúde no Brasil”

Velhos e novos males da saúde no Brasil - Carlos Augusto Monteiro (org.).
São Paulo: Ed. Hucitec & NUPENS/USP, 1995.
359 páginas.

Francisco Inácio Bastos
DIS/CICT Fundação Oswaldo Cruz

O acaso me fez ler há pouco numa resenha uma idéia atribuída a Michel Foucault, e, embora não tenha podido verificar se de fato pertence ao autor, a desenvolvo aqui por engenhosa e útil aos propósitos da presente resenha. Segundo aquela idéia, no mundo contemporâneo o intelectual ver-se-ia constantemente emaranhado na fragmentação e proliferação de saberes especializados, havendo, no entanto, oportunidades de encontro destes saberes segmentares com determinadas conjunturas históricas demandantes de reflexão aguda e específica, momento em que ocorreria como que uma metamorfose deste intelectual — de mestre de uma região particular do saber a interlocutor do conjunto da sociedade.

Este parece ser o caso do livro organizado por Carlos Augusto Monteiro, onde

análises até então dispersas em diversos periódicos, alguns deles pouco acessíveis ao não especialista, além de inúmeras outras inéditas, ganham a unidade e a sistematicidade de um *corpus* de conhecimentos tanto abrangente como minucioso. Isso, somado a um momento crucial de mudança e debate acerca das concepções de sociedade e Estado brasileiros, confere à obra organizada por Monteiro uma dimensão que transcende os diversos saberes específicos do campo da saúde pública. A concepção do editor, ao incorporar um segmento denominado “Mudanças em condicionantes da saúde” (Parte II) à estrutura geral do livro, reforça esse caráter de abertura e abrangência do diálogo obra \times sociedade, que é retomado em quase todos os capítulos — na interface das análises com dados tributários da economia, da

demo-grafia e mesmo da antropologia social, como na brilhante (embora pouco desenvolvida) análise de Wünsch Filho — p. 322 — acerca das mudanças históricas na estrutura de trabalho e emprego.

Cabe o parêntese: lançando mão dos classificados de um jornal paulista ao longo do presente século, o autor retoma uma idéia pioneira (até onde é do nosso conhecimento) de Gilberto Freyre, de análise das transformações da sociedade (no caso de Freyre da economia agrária e de base escravocrata) através da leitura de anúncios classificados, no presente caso, de oferta de empregos em São Paulo, no caso de Freyre, do comércio de escravos.

O exemplo, pinçado de um dos capítulos, revela a arquitetura do conjunto da obra, preocupada em comparar e contrapor os dilemas do

presente com dados extraídos de séries históricas. Todos nós que lidamos com bases de dados nacionais, sempre descontínuas e parciais, ao nos tornarmos leitores do livro de Monteiro, somos testemunhas do esforço do conjunto de autores nele reunido em analisar criticamente essas bases e extrair delas o máximo possível de hipóteses, por vezes conflitantes e inconclusas, mas sempre tributárias de análises metodologicamente bem fundamentadas.

Num momento de extremo “embaralhamento” midiático das opções ideológicas progressistas e conservadoras é bom contar com discussões não maniqueístas sobre temas fundamentais como a transição demográfica, a mudança nos padrões de morbimortalidade, as alterações dos perfis de nutrição e mortalidade infantis ou a emergência e/ou reemergência de doenças infecciosas como a AIDS ou a dengue.

O país que emerge da leitura do livro inegavelmente progrediu nas últimas décadas, mas freqüentemente às custas do aprofundamento de desigualdades regionais e, ainda que com a melhora de diversos indicadores, o mais das vezes muito aquém de patamares mínimos de equidade social e econômica. Uma das contribuições mais relevantes de todo o livro é desfazer mitos tecidos ao lon-

go de décadas, como os que derivam de leituras lineares das alterações dos padrões de mortalidade infantil. Nesse sentido, se afigura muito oportuna a discussão franca de diversas hipóteses explicativas alternativas da alteração destes. Cite-se a título de exemplo o debate à página 168 do livro que inclui mesmo uma vertente analítica (proposta por Murray & Chen, em 1993) que relativiza as perspectivas das análises de corte clássico desenvolvidas nos parágrafos anteriores. Retoma-se assim o saudável debate científico em torno da falsificabilidade das proposições científicas caro a Karl Popper enquanto metodólogo (obscurecido recentemente em prol do Popper arauto da sociedade aberta, tomada enquanto sinônimo das propostas neo-liberais).

A nosso ver, a saúde pública, tanto em nosso meio como no mundo como um todo, atravessa uma série crise em suas perspectivas de atuação e na sua articulação, seja com as políticas públicas *lato sensu*, seja com a medicina clínica e a metodologia do ensaio clínico. No primeiro caso, o livro de Monteiro demonstra claramente que diversas medidas de saúde pública como a ampliação da cobertura vacinal, a melhoria das condições de saneamento básico e a suplementação alimentar de escolares têm inequívocos refle-

xos positivos sobre o perfil de morbi-mortalidade e sobre as condições de bem-estar da população. Nesse sentido, o livro possui o duplo mérito de não ceder à tentação das relações imediatistas e simplistas entre ações e alterações constatadas nos diferentes indicadores e de se contrapor lucidamente à desconstrução neo-liberal da própria idéia de necessidade de políticas públicas e de uma ação normativa e propositiva do Estado.

Embora a questão das relações entre prática e metodologia da pesquisa clínica e saúde pública não seja tematizada diretamente pelo livro (nem é esse seu propósito), em diversas passagens afloram limites impostos pela desestruturação da rede assistencial sobre indicadores de saúde pública como é o caso da mortalidade perinatal.

Texto apresentado por Mervyn e Ezra Susser no Congresso de Epidemiologia realizado em Salvador em 1995 resgata a dimensão pública da epidemiologia, hoje freqüentemente amesquinhada pela função restrita de instrumental do ensaio clínico. A articulação presente em diversos momentos do livro de Monteiro contribui, ainda que indiretamente, para tal propósito, ao enfatizar a relevância do monitoramento sistemático dos dados de saúde em diversos níveis de agregação, de uma análise

crítica e independente e da ousadia na elaboração de hipóteses explicativas. Somente assim poderemos auscultar as tendências não só da saúde como da nossa sociedade no seu conjunto e retomar a dignidade do nosso exercício profissional enquanto pesquisadores da área de saúde pública.

Embora não concorde com algumas passagens do livro tais como:

— “esses estratos correspondiam...a não mais — sic — do que 11% do total

da população adulta de todo o país.” (ou seja o ‘não mais’ de pessoas com deficiência energética diz respeito a alguns milhões de pessoas !)

louvo antes de tudo a coragem do empreendimento e a sua abrangência e importância para o atual momento vivido pelo Brasil, tão repleto de desinformações e tão carente de propostas efetivas e pragmáticas. O amplo leque de questões formuladas pelo livro de Monteiro tem presença obrigatória nos anos por vir, pois como diz

Virgínia Woolf numa passagem luminosa de Orlando:

“‘Estou crescendo’ (...). ‘Estou perdendo algumas ilustrações’ (...), ‘talvez para adquirir outras’, e desceu (...) por onde jaziam os ossos dos seus antepassados.”

P.S. Quando já havíamos terminado de escrever a presente resenha, soubemos da premiação do livro em tela com o Prêmio Jabuti. Congratulamo-nos com a escolha, que referenda nossas conclusões e, oxalá, contribuirá para uma difusão ainda maior da obra.



O Pensamento de Habermas Posto à Disposição do Movimento Sanitário

Agir Comunicativo e Pensamento Social — Uma Crítica ao Estratégico — Francisco Javier Uribe Rivera.
Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ. 1995.
213 páginas.

Luiz Carlos de Oliveira Cecílio
Departamento de Medicina Preventiva e Social/FCM/Unicamp

Poucos trabalhos produzidos na Academia, nos últimos anos, são tão ricos de indicações para uma reflexão inovadora sobre nossas práticas institucionais como esta Tese de Doutorado de Francisco Javier Uribe Rivera, publicada pela Editora FIOCRUZ. Nela, o autor faz uma competente incursão pelo universo habermasiano, dali “garimpendo” um conjunto

de idéias que contribuem de maneira expressiva para iluminar o intricado mundo das organizações de saúde. Seu maior mérito: não se “perder” nesta sua pesquisa, um estudo teórico de natureza comparativo-contrastante, na medida em que consegue explicitar, como fio condutor de sua pesquisa, um conjunto de questões que são bastante coerentes com sua

linha anterior de investigação. Não há como não reconhecer — para quem conhece os outros trabalhos do autor —, uma certa “crítica da crítica”, muito saborosa e oportuna nesta sua última obra. Nela, as formulações de Carlos Matus e Mario Testa utilizadas, até então, como referência para uma crítica do planejamento normativo e de cunho economicista — são